



Uso de plantas medicinais em tempo na prevenção de doenças respiratórias na hinterlândia amazônica

Maria Isabel de Araújo¹, Silas Garcia Aquino de Sousa²

¹ Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Barbacena-MG. miar@terra.com.br

² Embrapa Amazônia Ocidental. Manaus-AM. silas.garcia@embrapa.br

Resumo

No período da sindemia covídica (2020-2021), a cidade de Manaus/AM, registrou uma miríade de casos de coronavírus (SARS-CoV-2), agente causador da doença Covid-19. Nesse interregno, o distanciamento social da população, assepsia com água e sabão, álcool 70, medidas de contenção, prevenção e controle com uso de máscaras obrigatório, dentre várias outras medidas sanitárias, diante dos inespecíficos sintomas e propagação da doença. Neste cenário, parte da população local buscou por diferentes espécies de plantas medicinais para o preparo e consumo de remédios caseiros (chás, infusões, garrafadas...), porções mágicas a prevenir e combater os sintomas de doenças respiratórias. Objetiva o presente relacionar as espécies de plantas medicinais nativas da agrobiodiversidade amazônica consumida pela população para prevenir e combater a Covid-19. Diante do quadro da sindemia covídica na cidade de Manaus/AM, para a coleta de dados empregou-se o método da pesquisa bibliográfica e métodos da etnometodologia, com aporte na pesquisa netnográfica em sites de vendas *delivery*, (1º semestre de 2021), e aporte etnográfico em visita *in loco* as bancas de ervas no Mercado Municipal Adolpho Lisboa, Feira de Produtos Orgânicos, e Feirão da Sepror (2º semestre de 2021). Revelam os resultados que a memória social é guardiã de acontecimentos do passado, prova de sua ocorrência, reforçadas na identidade histórica das experiências individuais e coletiva. Com base nos dados coletados, foi possível relacionar 28 famílias e 45 espécies denominadas de plantas medicinais. Em relação às partes mais utilizadas foram: casca, folhas, ramo, propágulo, raiz, rizoma, resina e sementes, utilizadas na prevenção de doenças respiratórias. Conclui-se que os saberes e conhecimentos adquiridos quanto ao uso e consumo das espécies de plantas medicinais pela população, revelam experiências de vida, passadas oralmente de geração em geração sobre a importância terapêutica das diversas espécies de plantas medicinais da hinterlândia amazônica.

Palavras-chave: Biodiversidade amazônica, Covid-19, Espécies medicinais.

Área Temática: MEIO AMBIENTE - ÊNFASE SAÚDE ÚNICA.

Introdução

Na hinterlândia amazônica, a prática da medicina popular remonta a tempos imemoriáveis, o uso de plantas medicinais pelos povos tradicionais, desempenhando na vida destes, papéis fundamentais, fonte de alimento, aporte econômico, bem como na prevenção e tratamento de diversas doenças, como terapia alternativa, diante da ausência de tratamento convencional com substâncias sintéticas. Conhecedores dos segredos da floresta, cujas práticas de uso, manuseio, preparo e posologia adequada, apresentam reminiscência das características étnicas culturais e ambientais dos povos da floresta, cujos saberes tradicionais são passados de geração a geração, uma receita simples a base de plantas medicinais, gravada na memória biocultural, lembradas pelas pessoas e para qual uso deve ser utilizada. (ARAÚJO *et al*, 2018).

São saberes e práticas de um saber tradicional, experiências resultantes das práxis vivenciadas em ambientes socioagroambientais, cujo hábito de consumo são diversos, variando desde a proteção espiritual ou doenças do espírito, inveja, mau-olhado, panemagem [...], à prevenção ou a cura de específicas enfermidades. Entretanto, essa prática milenar é preocupante no meio científico referente sua eficácia, segurança e propósitos terapêuticos, quando e manuseadas/preparadas de maneira incorreta, ocorre que na hinterlândia amazônica o conhecimento popular envolve diferentes entendimentos sobre as formas de uso, benefícios, aplicabilidade e consumo das plantas medicinais pelas populações tradicionais, referente ao modo de tratamento variando com os sintomas da doença. (ARAÚJO *et al*, 2018, p. 1).

No período da sindemia covídica (2020-2021), a cidade de Manaus/AM, registrou uma miríade de casos de SARS-CoV-2, agente causador da doença coronavírus (Covid-19). A época, sobre a nova doença, muito pouco se sabia de sua natureza, forma de contágio, sintomas e tratamento. A doença se espalhava, eventos críticos se multiplicavam, expondo estruturas de dor, sofrimento, incertezas [...] experiências impactantes atormentaram os manauaras nesse tempo de pandemia. (ARAÚJO *et al*, 2021, p. 46).

Nesse interregno, o distanciamento social da população, assepsia com água e sabão, álcool 70, medidas de contenção, *lockdown*, prevenção e controle obrigatório do uso de máscaras, diante dos inespecíficos sintomas e propagação da doença. Neste cenário, parte da população local, resgatou o uso de plantas medicinais para o preparo de remédios caseiros (chás, decocção, infusões, garrafadas (vinho medicinal), gargarejo, lambedouro, maceração, tintura, unguento, xarope...), porções mágicas a prevenir e combater os sintomas de doenças respiratórias. (ARAÚJO *et al*, 2018; BRASIL, 2006)

Na agrobiodiversidade amazônica encontram-se plantas medicinais da flora amazônica e de diversas espécies de outras localidades das regiões tropical e semitropical. Ressalta-se que

neste trabalho não foram analisado as propriedades fitoquímicas e terapêuticas das espécies medicinais, entretanto, foram elencadas as partes de uso das espécies e, as combinações de acordo com a cultura popular das partes de uso como alimento, chá, xarope [...], diante das evidências histórico-pessoais dos partícipes da pesquisa. (ARAÚJO *et al*, 2018, 2021).

Nesse viés, objetiva o presente trabalho relacionar as espécies de plantas medicinais da agrobiodiversidade amazônica, consumidas pela população no intuito de prevenir e/ou combater a Covid-19.

Considera-se como hipótese, mediante os fatos da crise gerada pela sindemia covídica, a ideia de observar, sem a pretensão de fixar sentido e/ou significados do *habitus* de uso e consumo de plantas medicinais pela população manauara, considerando que algumas espécies, devido à toxicidade, apresentam limitações e não possuem assegurado seu uso farmacológico e terapêutico, validadas por estudos científicos.

Ressalta-se o termo *habitus* a partir da conceituação de ELIAS (1994) e BOURDIEU (2007), considerando que o *habitus* é precedente no contexto social do indivíduo nos quais os agentes humanos atuam, constituindo-se a partir de bens culturais, em contínuo processo de socialização que regulam/moldam suas formas e maneiras de pensar, agir, ser e perceber.

Justifica-se neste artigo, a conjuntura da construção, enquadrando-se como um estudo de caso, com base na revisão bibliográfica, pesquisa de campo etnográfica de caráter exploratório com aplicação de questionário/formulário junto aos produtores/fornecedores e consumidores na Feira de Produtos Orgânicos (APOAM), no Mercado Municipal Adolpho Lisboa e no Feirão da Sepror na cidade de Manaus/AM, das espécies da agrobiodiversidade amazônica.

Considerando como *habitus* o uso e consumo de espécies medicinais na prevenção de doenças respiratórias diante da sindemia covídica, cujas receitas, resgatadas da memória biocultural, revelam experiência articuladas nas teias de interdependência humana, configuradas na memória individual e coletiva formada nas configurações sociais tipos: família, comunidade, confraria, cidade, estado, nações. (ELIAS, 1994, p.14).

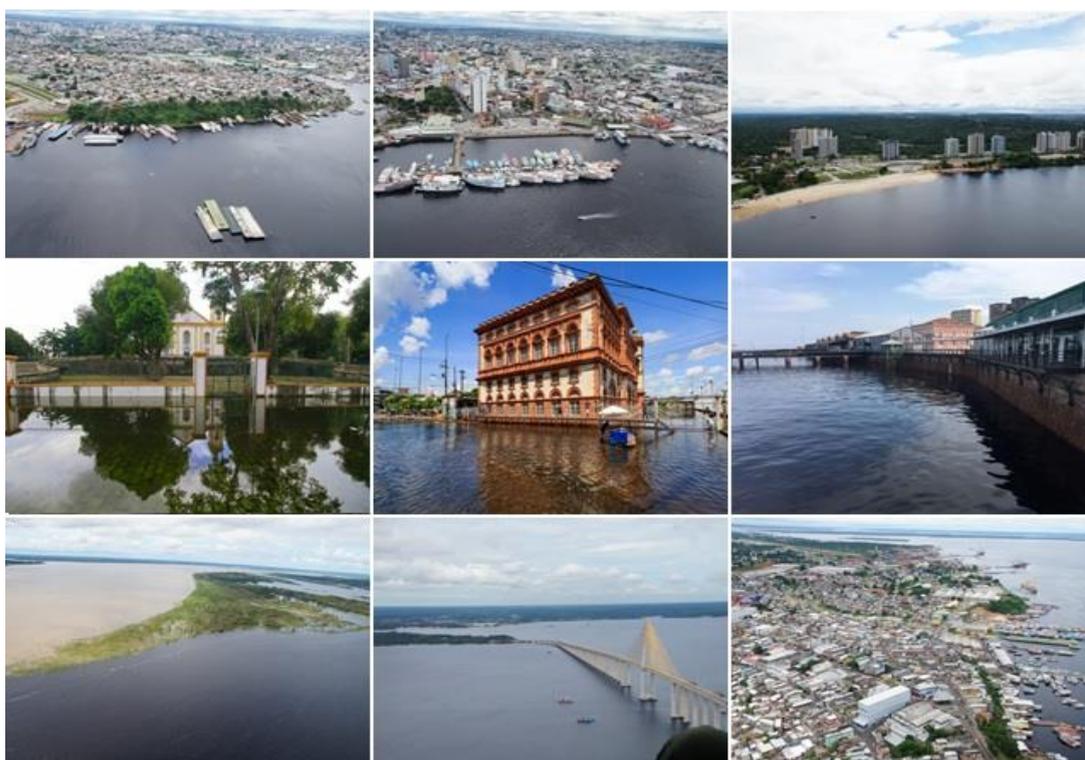
Assim, revelam as feiras/mercados à dimensão simbólica de cada região, como modalidade de comércio, não limitantes a transações comerciais dos produtos agrícolas, consolidadas também, como locais de distintas tradições, reproduzidas e valorizadas na florescência da memória biocultural diante do consumo dos cultivos em sistema agroflorestal nos quintais da hinterlândia amazônica, envolvendo saberes bioculturais, preservando tradições, nos modos de semeadura, plantio e colheita de espécies da sociobiodiversidade amazônica, incluindo ervas, especiarias no enriquecimento da alimentação funcional, produtos

nutracêuticos, plantas medicinais. (ARAÚJO *et al*, 2021).

Metodologia

O município de Manaus (Figura 1), capital do estado do Amazonas – Brasil, situada na porção central da Amazônia, Região Norte do país, coordenadas geográficas a 3°6'26" S, 60°1'34" W, possui uma área de 11.401 km², população estimada em 2.255.903 de habitantes (IBGE, 2021). Localizada a margem esquerda do Rio Negro, próxima à confluência do Rio Negro com o Rio Solimões, dando origem ao Rio Amazonas. Sua economia é baseada na exportação de produtos manufaturados da Zona Franca de Manaus (Polo Industrial de Manaus) – ZFM/PIM e outros produtos da agropecuária e do extrativismo incentivados pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM.

Figura 1. Município de Manaus/AM. - Brasil



Fonte: Compilação dos autores¹.

Após longo período de estagnação, com o fastígio da borracha, fins do século XIX, Manaus foi revitalizada, com a criação da Zona Franca de Manaus, pelo Decreto-Lei N° 288, de 28 fev. 1957, uma área de livre comércio de importação e exportação com incentivos benefícios fiscais especiais, oferecidos pelo governo Federal, Estadual e Municipal,

¹ Montagem a partir do acervo de imagens de: ARAÚJO, M.I.; SOUSA, S.G.A.(datas diversas).

estabelecida com a finalidade de criar na Amazônia um centro comercial, industrial e agropecuário “objetivando seu desenvolvimento, provido de condições econômicas, em face da grande distância a que se encontravam os centros consumidores de seus produtos”. (BRASIL, 1967).

A dinâmica do crescimento socioeconômico da ZFM propiciou uma série de transformações no que tange ao quesito consumo alimentar nas trocas inter-regionais de alimentos *in natura* da agrobiodiversidade amazônica, ofertada nas feiras e mercados da cidade. Dada à complexidade da presente investigação, considerando a ocorrência da síndrome covídica no estado do Amazonas, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu em dois momentos distintos no ano de 2021 compreendendo duas etapas de abordagens como procedimentos metodológicos: (i) pesquisa bibliográfica: consulta na literatura científica para identificação botânica das espécies; (ii) estudo de caso/relato de experiência com abordagens exploratórias, com subsídio na etnometodologia com campo de observação no método da pesquisa netnográfica em visita nos sites de vendas *delivery* no 1º semestre de 2021, identificando as espécies medicinais nativas ou não da biodiversidade amazônica, ofertadas aos consumidores.

Com base na escolha metodológica, estudo de caso, conforme revela Chizzotti (2011, p. 135), pode “deter-se em um coletivo de pessoas para analisar uma particularidade [...], revelando realidades universais”. Seguida da pesquisa netnográfica (*on-line*) que ocorreu em apenas um recorte minoritário, ou seja, grupo de produtores/fornecedores, agricultores familiares, de produtos da agrobiodiversidade amazônica, ofertados a população manauara, usuários de programas de chat *on-line*, (considerando as dificuldades de acesso à internet pelos demais agricultores produtores/fornecedores), sendo este único recurso encontrado pelos agricultores para contornar a pandemia de COVID-19 no período de 2020 -2021. O método da etnometodologia, ao contrário do que propõe o termo, não se refere ao método utilizado, mas sim ao campo de observação.

A etnografia se funda na noção de observação participante, visto ser impossível, em situações face a face, uma observação não-participante, considerando a netnografia uma observação participante num espaço *on-line*. (BRAGA, 2007, p. 6).

Com elementos da pesquisa netnográfica foi aplicado por meio de um questionário/formulário (semiestruturado) via internet na plataforma digital, divulgado por e-mail aos grupos sociais dos pesquisadores.

Segundo Gil (2008, p. 121), a aplicação de questionário consiste na

“técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são

submetidas aos entrevistados com propósito de obter informações”. [...] como também permite verificar a realidade sem a interferência ou “subjetivismo dos pesquisadores” (GIL, 2008, p. 56).

Seguida da pesquisa etnográfica, coleta de dados em visita de campo *in loco* no 2º semestre de 2021, nas bancas de ervas no Mercado Municipal Adolpho Lisboa, Feira de Produtos Orgânicos, e Feirão da Sepror para identificar as tradicionais práticas de uso popular e indicações de prevenção e combate de doenças respiratórias.

A observação etnográfica *in loco* consistiu na realização de entrevista com os produtores/vendedores e consumidores nos locais de comercialização (adotados os protocolos sanitários de prevenção à transmissão do coronavírus) que, para não os influenciar, situamos alheio aos fatos e eventos durante as entrevistas, objetivando identificar os hábitos de uso das espécies medicinais no percurso sócio-histórico dos indivíduos.

Chizzotti (2011) versa sobre a interação direta entre pesquisador e os partícipes da pesquisa.

A interação direta com os partícipes da pesquisa, em sua vida cotidiana, infere em observações reveladoras do significado do fenômeno estudado, diante da apreensão do entendimento de suas práticas culturais, procedimentos, comportamentos e concepções do significado que atribuem a essas práticas. CHIZZOTTI (2011, p. 68).

Justificou-se ainda fundamentar a análise com ênfase na literatura científica que tratam a memória social como guardiã de acontecimentos do passado e prova de sua ocorrência. Segundo Silva (2003), nos últimos anos, a memória (individual e coletiva) tornou objeto central de pesquisadores a partir da sua inserção no campo da história, visando, uma melhor apreensão das relações passada, presente e futuro. (SILVA 2003, p. 426).

Assim, para Halbwachs (1990, p.39) a história de vida corresponde à história feita por cada um de nós, experiência pessoal, dos pequenos feitos, pessoas anônimas e comuns [...] como parte de um conjunto, que envolve tempo e espaço, que interfere na história coletiva.

Na terceira e última etapa fez-se a análise dos resultados com base na triangulação dos métodos adotados e fontes de dados enfatizadas na literatura etnobotânica. As etnoespécies foram identificadas de acordo com Lorenzi e Matos (2008). O sistema de classificação APG III foi utilizado na nomenclatura das espécies. (MARTINS-DA-SILVA *et al*, 2014).

Resultados

Na hinterlândia amazônica (Figura 2), as transformações sociais ocorridas resultam do

multiculturalismo desde os primórdios de sua colonização, entretanto, as raízes culturais dos povos tradicionais revelam *habitus* singulares, laços preservados historicamente que reforçam a identidade individual e coletiva dos manauaras.

Ressalta Bourdieu (2007) que a identidade cultural como produto

de um trabalho social [...] que possui um sentido de poder simbólico estrutural na perpetuação da tradição reconhecidas por todos. [...]. O *habitus* inclui tanto as representações sobre si e sobre a realidade, como [...] o sistema de práticas em que a pessoa se inclui os valores e crenças que veicula suas aspirações, identificações etc. (BOURDIEU, 2007, p. 191).

Figura 2. Hinterlândia amazônica



Fonte: Compilação dos autores².

Neste contexto, as transformações sociais decorrentes dos *habitus* tradicionais ocorridas na população da hinterlândia amazônica gerou uma (re)produção de conhecimento, como marco de memórias culturais, transmitidas por gerações por meio da oralidade.

Infere-se assim o pensamento Eliasiano (1994) referente à noção de *habitus*

A configuração social congrega uma rede de relações de interdependência entre indivíduo e sociedade, se tem o *habitus*. Esse *habitus* é um componente das características comuns que o indivíduo compartilha com outros, que é certamente um componente do *habitus* social (ELIAS, 1994, p.150).

² Montagem a partir do acervo de imagens de: ARAÚJO, M.I.; SOUSA, S.G.A. (datas diversas).

Elias (1994) sinaliza que os indivíduos incorporam bens culturais plasmados em saberes e fazeres que atravessam gerações, essa capacidade humana em contínuo processo de transformação é o que se chama de *habitus*. Ou seja,

as representações simbólicas armazenadas na memória (transmitidas de uma geração para outra) permitem a orientação e a comunicação entre os seres humanos. A comunicação se dá mediante de conjuntos de símbolos que estão socialmente padronizados, sobre esse processo de comunicação. (ELIAS, 1995, p.25).

Ressalta-se que as memórias (o *habitus*) continuam vivas, transmitidas oralmente (não por meio de publicações editadas) de uma geração a outra.

Pereira e Diegues (2001) ressaltam que a valorização do

conhecimento científico e o local, são igualmente importantes, a transmissão do conhecimento local, busca o conhecer pelo conhecer, embasado em constatações empíricas, à transmissão dos saberes baseia-se na oralidade, enquanto o conhecimento científico ocidental fundamenta a transmissão e continuidade dos conhecimentos [...] utilizando-se da escrita como principal instrumento. (PEREIRA e DIEGUES, 2001, p. 42).

Diante da sindemia covídica, na (re)construção cultural dos vínculos da memória biocultural, costumes, tradições [...], (Figura 3) que se perpetua por gerações, os manauaras, resgatam fórmulas, receitas, procedimentos de uso e consumo das plantas medicinais da agrobiodiversidade amazônica, no controle e combate de doenças respiratórias.

Conhecimentos esses, que sobrevivem através da interação que o indivíduo desenvolve com os espaços (meio natural e social) quais foram (re)produzidos, difundidos oralmente nas formas de uso e consumo pelas populações. Neste sentido, a composição destes conhecimentos (meio natural e social) trazem importantes contribuições no processo de/e (re)produção dos indivíduo.

Ressalta Cunha (1999) que a relação de interdependência entre os “saberes dos antigos” e o cotidiano das populações conduz à sapiência dos conhecimentos tradicionais como “produtos históricos”, constituídos pela continuidade de seus conteúdos.

A inserção destes elementos [...] coloca a transmissão oral como um dos pontos imprescindíveis para o processo de produção [...] e demonstra a intensa conexão que existe entre as características das populações tradicionais e seus respectivos conhecimentos com o mecanismo de difusão utilizada. (CUNHA,

1999, p. 156).

Figura 3. Costumes, tradições culturais da hinterlândia amazônica



Fonte: Compilação dos autores³.

Assim, o conhecimento tradicional está vinculado por séculos às experiências adquiridos na prática diária, repetido no cotidiano, por gerações na vida social do indivíduo, como bem ressalta Bonin e Kambeba (2006, p. 5): [...] o conhecimento tem como espaço privilegiado o cotidiano, e se transmite pela tradição oral. Educar é compartilhar o dia a dia, o trabalho, a sabedoria, o espaço onde se vive a experiência de aprender, seguido de perto por aqueles que já sabem.

Neste contexto, identificou-se no decorrer da pesquisa que ao longo dos séculos as espécies de plantas e ervas medicinal da sociobiodiversidade amazônica são usadas à promoção da saúde, cujo etnosaber evidencia um comportamento etnocultural que, mesmo sem conhecer e/ou identificar os compostos bioativos e potencial interação droga-erva, as recomendações de uso aprendidas, são transmitidas e passadas de geração em geração.

No Brasil, o Decreto nº. 5.813, de 22 jun. 2006, regementou a PNPMF - Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (2016), nos serviços de saúde do Sistema único de Saúde (SUS) com base na experiência (transmitido através da oralidade) de uso de espécies

³ Montagem a partir do acervo de imagens de: ARAÚJO, M.I.; SOUSA, S.G.A.(datas diversas).

medicinais diante dos problemas de saúde da população.

A PNPMF objetiva práticas integrativas e complementares no SUS,

com premissas e respeito aos princípios de segurança e eficácia na saúde pública e a conciliação de desenvolvimento socioeconômico e conservação ambiental, [...] no âmbito local como em escala nacional. [...], o respeito às diversidades e particularidades regionais e ambientais é também princípio norteador desta Política. (BRASIL, 2016, p.14).

Assim, reconhece o Ministério da Saúde que é preciso validar e promover práticas que possuam eficácia comprovada e variedade de uso das plantas medicinais. Dever-se-á, portanto, respeitar a diversidade cultural dos povos brasileiros, “as plantas são também utilizadas em práticas populares e tradicionais como remédios caseiros e comunitários, processo conhecido como medicina tradicional”. (BRASIL, 2016, p.14).

Ressalta-se que, o tradicional modelo de compras de espécies medicinais pela população muitas vezes versa sobre o poder aquisitivo das pessoas que, sem recursos para consultar um médico, aviamento da receita dos medicamentos convencionais, buscam nas espécies medicinais, remédios para prevenção e controle de sintomas de doenças,

Ocorre que, considerando este estudo de caso, nos espaços das feiras em epígrafe (APOAM), os agricultores familiares, produtores orgânicos, ofertam alimentos seguros e confiabilidade em relação à origem destes aos consumidores conscientes que levam em conta, melhor qualidade de vida. Além da questão produto natural, sem emprego de agroquímicos, a sustentabilidade ambiental agregado aos valores sociais, à segurança alimentar do sistema da agricultura orgânica que se inicia desde o preparo do solo, manejo, colheita e pós-colheita das culturas, principalmente das espécies medicinais, cuja qualidade dos produtos não pode ser afetada (perda dos princípios ativos ou diminuição da eficácia) em toda a cadeia produtiva até sua fase final de comercialização.

Não tão inversa situação ocorre nas bancas de produtos naturais do Mercado Municipal Adolpho Lisboa, considerando que as referidas, ofertam somente plantas medicinais, algumas alimentícias e ornamentais, *in natura* ou desidratadas, cuja procura pelos consumidores e visitantes são específicas, entretanto as trocas dialógicas do modo de fazer, preparar e usar são versadas por todos. Deste modo, argui-se que o público consumidor destes espaços, é bastante diversificado, utilizam as espécies de plantas medicinais com a intenção de consumo na prevenção de síndromes respiratórias, cujas origens, individuais e coletivas, compartilham, resgatam conhecimentos e saberes, vívidos nos espaços da família, comunidade, círculo de amigos, etc. da oralidade, reforçadas nas gerações seguintes nas práticas curativas de prevenção

e cuidados à saúde.

Todavia, como visto no presente estudo, nem sempre os agricultores familiares que comercializam as espécies de plantas medicinais detêm, de fato, conhecimento da composição química, morfologia, propriedades farmacológicas, aplicações, interações entre as espécies dentre outras características distintas e modos de uso.

Entretanto, a simples relação dialógica, troca de informações (receitas) passadas entre produtor/vendedor com consumidor/usuário, vão além da dinâmica vendedor versus usuário e vice-versa, revelando a troca simbólica da linguagem comum entre usuários e vendedores e/ou agricultores, enquanto reduto da oralidade, um resgate histórico de suas tradições do mundo real, espaço reduto da oralidade, de relevância imemorial em todo processo de significação, compreensão, informação, avaliação e perpetração dos saberes sobre as práticas de uso e consumo das espécies de plantas medicinais ao longo do tempo.

Vale lembrar que, no caso em estudo, as partes utilizadas de espécies de plantas medicinais, cujos propósitos terapêuticos, no preparo de porções mágicas constituem-se de: casca, folhas, propágulo, ramo, raiz, resina, rizoma, seiva e sementes. Através da coleta de dados foi possível identificar, junto à base do manual de LORENZI e MATOS (2002), 28 famílias e 45 espécies denominadas de plantas medicinais (Tabela 1), para prevenção e combate de sintomas associados a síndromes respiratórias.

Tabela 1. Família/Etnoespécie, Espécie, Partes de Uso das Plantas medicinais solicitadas.

Família/Etnoespécie	Espécie	Parte(s) utilizada(s)
Acanthaceae		
Breu	<i>Protium fimbriatum</i>	folhas, resina
Sara-Tudo	<i>Justicia acuminatissima</i>	folhas
Adoxaceae		
Cubiu	<i>Solanum sessiliflorum</i>	fruto
Amaranthaceae		
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	folhas
Apocynaceae		
Jagube	<i>Banisteriopsis caapi</i>	folhas, ramo
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i>	casca, fruto
Asteraceae		
Jambú	<i>Acmella oleracea</i>	folhas
Bignoniaceae		
Pau-d'arco-branco	<i>Tabebuia serratifolia</i>	casca
Bixaceae		
Urucum	<i>Bixa orellana</i>	fruto
Burseraceae		
Pau-Terra	<i>Qualea grandiflora</i>	casca
Cecropiaceae		

Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i>	casca, óleo
Crassulaceae		
Courama	<i>Kalanchoe brasiliensis</i>	folhas
Cruciferaeae		
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>	folhas
Fabaceae		
Amapá	<i>Brosimum parinarioides</i>	seiva, casca
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>	óleo, casca
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	casca, fruto
Mororó	<i>Bauhinia unguolata</i>	casca
Mulungu	<i>Erythrina mulungu</i>	casca, semente
Sangue-de-dragão	<i>Croton lechleri</i>	seiva
Sucuúba	<i>Himatanthus drasticus</i>	casca
Sucupira	<i>Bowdichia nitida</i>	casca
Humiriaceae		
Uxi	<i>Endopleura uchi</i>	folhas, fruto
Lamiaceae		
Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i>	folhas
Hotelã vick	<i>Mentha pulegium</i>	folhas, flores
Manjeriçã	<i>Ocimum basilicum</i>	folhas
Lauraceae		
Canela	<i>Cinnamomum verum</i>	folhas, ramo
Carapanaúba	<i>Aspidosperma nitidum</i>	casca
Malvaceae		
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i>	folhas, sementes
Meliaceae		
Cedro	<i>Cedrela odorata</i>	casca
Menispermaceae		
Abuta-do-amazonas	<i>Abuta grandifolia</i>	folhas, fruto
Musaceae		
Banana	<i>Musa spp</i>	propágulo
Myristicaceae		
Virola	<i>Virola surinamensis</i>	casca
Olanaceae		
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i>	folhas
Piperaceae		
Erva-de-jabuti	<i>Peperomia pellucida</i>	folhas
Malvarisco	<i>Piper marginatum</i>	folhas
Pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i>	semente
Poaceae		
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	folhas
Rhamnaceae		
Preciosa	<i>Aniba canelilla</i>	casca
Saracurá-mirá	<i>Ampelozizyphus amazonicus</i>	folhas, raízes
Rubiaceae		
Jenipapo	<i>Genipa americana</i>	fruto
Urticaceae		
Embaúba	<i>Cecropia palmata</i>	folhas
Urtiga	<i>Urtica urens</i>	folhas
Vochysiaceae		
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	folhas
Zingiberaceae		
Açafrão-da-terra	<i>Curcuma longa</i>	rizoma
Mangarataia	<i>Zingiber officinale</i>	rizoma

Fonte: LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. (2002); ARAÚJO, M.I.; SOUSA, S.G.A. (2021).

Com maior representatividade na comercialização de plantas medicinais registrou-se 24 famílias e 35 espécies com maior representatividade na comercialização. A família Fabaceae, apresentou maior representatividade na comercialização por espécies, seguida da família Lamiaceae, Piperaceae, para o consumo/preparo de receitas milagrosas, apresentadas na tabela 2.

Tabela 2. Família/Etnoespécie, Espécie, Formas de uso das plantas medicinais comercializadas

Família/Etnoespécie	Espécie	Formas de Utilização
Acanthaceae		
Breu	<i>Protium fimbriatum</i>	Inalação
Sara-Tudo	<i>Justicia acuminatissima</i>	Chá, infusão
Adoxaceae		
Cubiu	<i>Solanum sessiliflorum</i>	Alimento
Amaranthaceae		
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Xarope
Apocynaceae		
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i>	Chá, infusão
Asteraceae		
Jambú	<i>Acmella oleracea</i>	Alimento
Bignoniaceae		
Pau-d'arco-branco	<i>Tabebuia serratifolia</i>	Chá, infusão
Bixaceae		
Urucum	<i>Bixa orellana</i>	Alimento
Burseraceae		
Pau-Terra	<i>Qualea grandiflora</i>	Chá, infusão
Cecropiaceae		
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i>	Xarope
Crassulaceae		
Courama	<i>Kalanchoe brasiliensis</i>	Alimento, chá
Cruciferaeae		
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>	Alimento
Fabaceae		
Amapá	<i>Brosimum parinarioides</i>	Xarope
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>	Xarope
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Chá, infusão, xarope
Sangue-de-dragão	<i>Croton lechleri</i>	Xarope
Humiriaceae		
Uxi	<i>Endopleura uchi</i>	Chá, xarope
Lamiaceae		
Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alimento
Hotelã vick	<i>Mentha pulegium</i>	Chá, infusão
Manjericão	<i>Ocimum basilicum</i>	Alimento
Lauraceae		
Canela	<i>Cinnamomum verum</i>	Chá, infusão
Carapanaúba	<i>Aspidosperma nitidum</i>	Chá, infusão
Malvaceae		
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i>	Infusão, xarope
Musaceae		
Banana	<i>Musa spp</i>	Xarope

Olanaceae		
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i>	Chá, infusão
Piperaceae		
Erva-de-jabuti	<i>Peperomia pellucida</i>	Alimento
Malvarisco	<i>Piper marginatum</i>	Chá, infusão
Pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i>	Alimento, chá, infusão
Poaceae		
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Chá, infusão
Rhamnaceae		
Preciosa	<i>Aniba canelilla</i>	Chá, infusão
Saracurá-mirá	<i>Ampelozizyphus amazonicus</i>	Chá, infusão
Rubiaceae		
Jenipapo	<i>Genipa americana</i>	Alimento
Vochysiaceae		
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	Folhas
Zingiberaceae		
Açafrão-da-terra	<i>Curcuma longa</i>	Alimento, chá, infusão
Mangarataia	<i>Zingiber officinale</i>	Alimento, chá, infusão

Fonte: LORENZI, H.; MATOS, F. J. A., (2002); ARAÚJO, M.I.; SOUSA, S.G.A.(2021).

No cotidiano, as práticas populares de saúde envolvem costumes, hábitos, rotinas, de forma dinâmica e interligada na prevenção e cuidado na saúde, ligados a uma rede de significados, baseados na tradição cultural em oposição à medicina científica, cujo saber popular, revelam saberes e práticas, criando e recriando práticas de prevenção e cura com o uso de plantas medicinais.

Os resultados do processo das formas e modo de preparo, mais descritas entre os partícipes estão elencados conforme descrito na Tabela 3.

Tabela 3. Modo de preparo das espécies medicinais

MODO DE PREPARO
<p>Cataplasma Após preparo de decocção da erva, acrescentar farinha de mandioca, formando um pirão ou papa, colocar sobre um pano limpo, aplicar na garganta e peito.</p>
<p>Compressa Após cozidas as ervas ou macerada, com um pano limpo, mergulhar no chá e aplicar quente ou frio, sobre a fonte, pescoço, axilas e coxas.</p>
<p>Decocção (cozimento) Cortar em pequenos pedaços, partes da espécie medicinal, colocar para ferver em água com fogo baixo por aproximadamente 15 min em panela tampada. Descansar alguns minutos para esfriar, coar e beber, pelo menos três vezes por dia.</p>
<p>Gargarejo Por decocção faz um chá com partes da espécie medicinal escolhida para o gargarejo, várias vezes ao dia fazer o gargarejo com o chá morno.</p>
<p>Infusão Na quantidade certa de uso, colocar água para ferver, após fervura derramar a água em uma vasilha com partes das espécies (folhas e flores), tampar, deixar descansar, coar ainda morno e beber.</p>

Maceração

Amassar, macerar para retirar o sumo de partes da espécie medicinal, em seguida misturar água fria ou quente, depois coar e beber.

Pó

Pendurar em local seco, arejado e a sombra, pequenos galhos e folhas das espécies de plantas medicinais, após secagem, triturá-los em pilão, processador ou liquidificador até formar pó, em seguida peneirar para guardar em vidros escuros.

Pomada

Triturar ou picar as espécies medicinais escolhidas, depois fritar em óleo vegetal, tais como de girassol, adicionar cera de abelha derretida, bater a mistura até ficar cremosa.

Tintura

Em um vidro colocar 200 gramas da espécie medicinal triturada, acrescentar 1 litro de álcool de cereais 70%, deixar durante 15 dias em infusão em local fresco e escuro, durante o período de tempo da infusão, agitar o litro 2 vezes ao dia.

Unguento

Com as espécies maceradas, adicionar uma substância gordurosa como óleo vegetal, azeite ou sebo e aplicar no local afetado.

Vinho medicinal (garrafada)

Adicionar 200 gramas da espécie medicinal desidratada em 1 litro de vinho tinto/branco seco ou outro vinho licoroso, deixar durante 15 dias ou mais a infusão em local fresco, seco e escuro. Durante o período de tempo da infusão, agitar o litro 2 vezes ao dia.

Xarope

Preparar um chá com as espécies medicinal escolhida, à parte fazer uma calda com açúcar mascavo ou cristal até obter o ponto de fio. Coado o chá, mistura-se à calda fervente, deixando levantar fervura. Pode-se adicionar mel de abelha a mistura.

Fonte: ARAÚJO, M.I.; SOUSA, S.G.A.(2021).

Certamente que, o conhecimento popular da medicina tradicional é parte integrante do processo civilizador da sociedade e não de um único indivíduo ou lugar, por esse motivo, os ensinamentos referentes ao conhecimento do uso e consumo de plantas medicinais são essenciais à vida do indivíduo e toda a sociedade, visto que permite revelar as experiências individuais, permitindo o imbricamento cultural na formação da tradição oral, a partir do dialogo, como ferramenta principal e apropriação de pensar a vida mais simples, nesse processo de prevenção da saúde humana.

No entanto, é inegável que o uso tradicional e popular não é suficiente à construção de um conhecimento cientificamente eficaz para validar as espécies de plantas medicinais como medicamentos seguro, sem causar efeitos colaterias, adversos, bem como, a garantia de eficácia, considerando que uma mesma espécie de planta medicinal é indicada a uma multiplicidade de usos e contém variados princípios ativos, tais como, ácidos orgânicos, alcaloides, cumarinas, saponinas, glicosídeos cardiotônicos entre outros componentes ativos.

Necessário recomendar um trabalho de Educação Ambiental, conscientizando e divulgando junto aos agricultores familiares a importância à adoção de práticas adequadas no

manuseio, preparo e armazenamento das espécies de plantas medicinais de modo a manter seus princípios curativos, eficácia e vantagens de uso e consumo, como garantia de maior valorização da produção.

Conclusão

Os saberes e conhecimentos adquiridos quanto ao uso e consumo das espécies de plantas medicinais da hinterlândia amazônica, pelos povos amazônicos, revelam experiências de vida, oriundos de processos socioculturais, fomentados a partir da interação coletiva das pessoas que compartilham facultada realidade, passadas oralmente de geração em geração sobre a importância terapêutica das plantas medicinais evidenciando a importância da sociobiodiversidade amazônica.

Assim, os saberes ancestrais adquiridos, fazem parte da identidade do indivíduo e do grupo social quais estão inseridos, devem, portanto ser preservados e valorizados em novas narrativas para que se mantenham vivas as presentes e futuras gerações para que possam (re)interpretar e (re)significar tais conhecimentos.

Referência bibliográfica

ARAÚJO, M.I; SOUSA, S.G.A.; PINTO, J.R.; RAMOS, E.M Ajuri no Empreendimento Econômico Solidário: Experiência Familiar na Comunidade Uberê, Manaus-AM. **Anais... III Congresso Internacional de Economia Solidária e Desenvolvimento Local [recurso eletrônico]:** colhendo idéias para adiar o fim do mundo, Feira de Santana-BA, 2021.

ARAÚJO, M. I.; SOUSA, S.G.A. Farmácia nos Quintais - Um Saber de Todos os Tempos. **Anais... 13º Congresso Internacional da Rede Unida.** v. 4, Suplemento 1. Manaus-AM. 2018.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas.** 1ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

BRAGA, A. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 16., 2007. Curitiba. **Anais...** Curitiba: UTP, 2007.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 288**, de 28 de fevereiro de 1967. Altera as disposições da Lei número 3.173 de 6 de junho de 1957 e regula a Zona Franca de Manaus. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 2464, 28 fev. 1967.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.** Brasília: 2006. 60 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Vozes, 2011.

CUNHA, M. C. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. **Revista de Estudos Avançados**, n. 13, p. 147-163, 1999.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População de Manaus 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama> Acesso em: 15 jan. 2021.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

MARTINS-DA-SILVA, R.C.V.; SILVA, A.S.L.; FERNANDES, M.M.; MARGALHO, L.F. **Noções morfológicas e taxonômicas para identificação botânica**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. DE S. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e meio ambiente**. Ed. UFPR, v. 22, p. 37–50, 2010.

SILVA, H. R. **‘Rememoração’/comemoração: as utilizaçõessociais da memória**. **Revista Brasileira de História**, vol. 22, nº44, São Paulo: Anpuh, 2003.

Comissão Organizadora do IV CIDSU

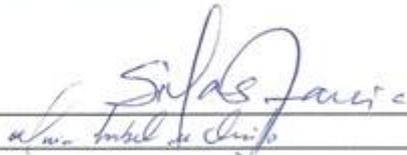


ANEXO I

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHO PELO IV
CONGRESSO INTERNACIONAL DE SAÚDE ÚNICA (INTERFACE MUNDIAL)
ONLINE**

Eu (nós) Maria Isabel de Araújo, Silas Garcia Aquino de Sousa autorizo (autorizamos) a comissão científica do IV Congresso Internacional de Saúde Única (Interface Mundial) online publicar no e-book do evento, com ISBN/Artigo de revista, com ISSN, o trabalho intitulado USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM TEMPO NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS RESPIRATÓRIAS (COVID-19) NA HINTERLÂNDIA AMAZÔNICA caso ele venha a ser aprovado pelos avaliadores do evento. Declaro (declaramos) ainda que o trabalho submetido é inédito e que não há nenhum plágio no mesmo. Afirmando ainda que me responsabilizo por qualquer problema de natureza Jurídica relacionado a Cópias que não sejam de sua autoria (plágio).

Manaus/AM, 19, janeiro de 2022.



Maria Isabel de Araújo

MODALIDADE : CAPÍTULO DE LIVRO ()

MODALIDADE : ARTIGO DE REVISTA (X)